

1896

D. M. 8º JANEIRO

MACHADO DE ASSIS

Entre as eminentes personalidades litterarias que glorificam a Arte brazileira é que Machado de Assis tem o seu logar de honra, como patriarcha dos nossos escriptores.

A nobillissima veneração que lhe votam os poetas e littératos de maior nomeada que formam a constellação das Lettras no Brazil, é a mais significativa homenagem feita á sympathica individualidade moral e intellectual do grande romancista do *Braz Cubas*.

N'essa homenagem ha o preito de admiração ao talento culto e brilhante do artista, revelado, com fidalga prodigalidade, em tantas paginas de prosa e verso, e o respeito purissimo, como um tributo do coração, votado ás qualidades moraes do homem.

Machado de Assis, cujos principios nas sinuosidades da existencia valem um titulo de gloria, chegou á solenne altura dos nomes consagrados e queridos pela celebridade, realizando a severa communhão do talento e do caracter.

«Machado de Assis, dil-o Arthur Barreiros, em bellissimo artigo transcripto pelo ALBUM, revista litteraria de Arthur Azevedo, não se elevou pelo empenho, nem pelo fortuito dom do nascimento, nem pelas inexplicaveis combinações do acaso e da politica.

«Para se tornar illustre e amado, não precisou de trepar para o carro de dentista em pleno vento e fixar sobre si a curiosidade das ruas, ao som estridente dos cornetins de feira, ao desalmado rufar das caixas e tambores. Deem-me um Atheniense, que em troca eu vos darei cem Beocios! pode elle insculpir como divisa na frontaria da sua obra. Filho de artista, elle apenas quiz ser artista maior, n'outra esphera mais alta e mais vasta.»

«Estylista impeccable, estylista desde que pela primeira vez se viu armado de uma penna e com algum papel branco diante

de si (porque ha escriptores de nascença), Machado de Assis burilou no mais bello marmore, com um sagrado respeito á Forma, com uma noção nitida e poderosa do Bello, essa longa e original serie de contos, de romances, de folhetins, de phantasias delicadas, imprevistas, deliciosamente ironicas, scintilantes de graça, que se chamam, citando ao acaso :

Miss Dolar, A mão e a luva, O cão de lata ao rabo, A chinella turca, A Serenissima Republica, As Academias de Sião, Um capitulo inedito de Fernão Mendes Pinto...

«O critico não desmerece do phantasista ; a penna que zombeteia e sabe rir, sabe tambem, sem clamores e com exempçao, partir o pão da justiça entre os que arroteiam e lavram a mesma geira de terra, os que consomem o melhor e o mais puro de seo sangue insuflando vida ás creações do espirito, os eternos descontentes de si mesmos, os que veem sempre recuar e fugir os horizontes da terra pro rettida.»

.

«E' um Mestre ; não o procura ser, não se impõe, não arma ás acclamações, não disputa proeminencias ; e todavia é um Mestre pelos honrados exemplos da sua vida, pelas primorosas concepções da sua penna. O artista n'elle é um prolongamento do homem ; no livro e fóra do livro, os limpos de coração sentirão a luz e o calor do astro, respirarão certa grandeza sincera, um não sei que de immaculado e magnanimo, que é como o ambiente dos espiritos verdadeiramente superiores.»

Transcrevemos, com a devida venia as notas biographicas dadas por Arthur Azevedo : Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Riode Janeiro, em 24 de Junho de 1839, e é filho legitimo do operario Francisco José de Assis e de D. Maria Leopoldina Machado de Assis.

Os seos estudos foram muito irregulares. Ao deixar a eschola de primeiras letras, sabendo apenas ler e escrever, tratou de instruir-se a si mesmo, sem professores nem conselheiros, e assim adquirio todos os conhecimentos indispensaveis á carreira com que devia illustrar o seo nome. Para dar uma idea da força de vontade que elle possuia — como ainda possue — em se tratando de enriquecer o espirito, basta dizer que tinha perto de cincoenta annos quando aprendeo a lingoa allemã.

Em 1858 Machado de Assis abraçou a arte typographica, mas no anno seguinte abandonou-a para ser revisor de provas da famosa casa de Paula Brito e do *Correio Mercantil*.

Em 25 de Março de 1860 encetou Machado de Assis a sua vida jornalistica, ao lado de Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva e Cesar Muzio, no *Diario do Rio de Janeiro*. Demorou-se na redacção d'essa folha até começo de 1867. Em Março d'esse anno foi nomeado ajudante do director do *Diario Official*, cargo que exerceo até 1878.

Entretanto, desde 31 de Dezembro de 1873, estava nomeado 1.º official da Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, sendo promovido a Chefe de Secção em 7 de Dezembro de 1875 e a director em 1 de Abril de 1889, cargo que ainda occupa na Secretaria da Industria, Viação e Obras Publicas, transformação d'aquella.

Machado de Assis é um funcionario publico modelo ; foi membro do Conservatorio Dramatico Brazileiro ; fez parte das conferencias de historia e geographia como membro da secção de historia litteraria e das artes ; servio, em 1872, na commissão do *Diccionario Technologo da Marinha*, e em 1878 na commissão incumbida de organizar um projecto de reforma de legislação de terras ; foi official de gabinete do conselheiro Buarque de Macedo, ministro da Agricultura.

Em 1867, o governo imperial agraciou-o com o grao de cavalheiro da Ordem da Rosa, por serviços prestados ás letras brazileiras. Em 1883 a princeza Izabel elevou-o a official da mesma Ordem.

Em 12 de Novembro de 1869 casou-se com a Exma. Sra. D. Carolina Augusta Xavier de Novaes, irmã de Faustino Xavier de Novaes. Nunca tiveram filhos.

Eis a lista de suas obras :

Americanas, poesias ; o *Caminho da porta*, comedia ; os *Deoses de Casaca*, comedia ; *Helena*, romance ; *Historias da meia noite* ; *Historias sem data* ; a *Mão e a luva*, romance ; *Memorias posthumas de Braz Cubas* ; *Papeis avulsos*, contos ; *Phalenas*, poesias ; o *Protocollo*, comedia ; *Quincas Borba*, romance ; *Resurreição*, romance ; *Tu, só tu, puro amor...*, comedia ; *Yayá Garcia*, romance ; e ultimamente um livro de contos denominado *Varias historias*

Alem disso grande numero de contos publicados aqui e alli, diz Arthur Azevedo, que dariam cinco ou seis grossos volumes ; tres ou quatro comedias representadas em salões particulares ; uma infinidade de chronicas, artigos de critica, versos, phantasias, etc., que representam, talvez, cem volumes ; um poema inedito, a *Devassa* ; muitas traduccões para o theatro, entre ellas

a do *Barbeiro de Sevilha*, de *Beaumarchais*, representada em 1870; uma primorosa traducçao inedita, em versos alexandrinos, de *Les Plaideurs*, de Racine.

Actualmente escreve Machado de Assis todos os domingos na *Gazeta de Noticias*, uns artigos intitulados *A Semana*, que n'outro paiz mais litterario que o nosso teriam produzido grande sensação artistica.

Machado de Assis tem nos factos que lhe rodeiam a vida uma aureola de imperecivel respeito que constitue solida e austera consagração ao seo brilhante talento de escriptor.

A sua vida é poderoso estimulo para os que começam e para os que trabalham, e um exemplo inolvidavel de grandeza moral e intellectual creado pelo seo persistente esforço de artista convicto e devotado á suprema belleza universal—a Arte,— e á rispida superioridade humana—o Caracter.

Machado de Assis deve estar satisfeito, pois o trabalho insano com que abrio o seo caminho de lucta na vida para realisar aspirações bellissimas, de arduo commetimento porem, deo-lhe ampla recompensa em todas essas paginas esmeradas e completas que formam a sua obra, um dos gloriosos productos da nossa litteratura, um padrão indestructivel do talento e da perseverança no trabalho, atestando cabalmente, a par das obras de Luiz Murat, Olavo Bilac, Tobias Barreto, Raymundo Corrêa, Aluizio Azevedo, Sylvio Romero, Alencar, Araripe e tantos outros, que o Brazil pode competir com as nações mais cultas em intellectualidades pujantes.

O CENACULO, publicando o seo retrato, presta, orgulhoso, sincera homenagem ao illustre Mestre, cujo nome é um symbolo querido das nossas letras, e á litteratura nacional que tem n'elle um dos mais robustos e sympathicos representantes.

SILVEIRA NETTO.

ALMA PENITENTE ¹

CANTO VIII

.....mon âme et la tienne
N'ont rien qui ne se mêle et qui ne s'appartienne.
Lamartine—*Jocelyn.*

-Laurence, o nosso affecto é uma hostia branca,
Elevada no altar das crenças puras ;
E' como o lotus que o Destino arranca
Para a eclosão das cerulas alturas.

Tu foste sempre a encantadora imagem
Que povoava as minhas orações,
Como serena e limpida miragem
Feita de preces e constellações.

Nas minhas noites de benedictino
O teo olhar seguia-me na treva,
Como um vago conforto peregrino
Que a Estrella da Alva ás sepulturas leva.

O teo olhar seguia-me, chorando,
Como uma alma de esposa inconsolada,
Toda minha miseria amortalhando
Na alva escumilha de illusão fanada...

E nivea restea de esperança
Me penetrava o coração...
—A Morte é mansa... a Morte é mansa...
Dizia a Estrella na Amplidão.

1 Veja o 7º fasciculo.

—A Morte é mansa... A Morte é mansa...
 Continuava o Maosoleo,
 Tu tens uns braços de creança,
 Que se te extendem lá do Céo.

Tu tens um seio de donzella,
 Esquece a magoa, Sonhador !...
 —A Noite é bella... a Noite é bella...
 O Céo é thalamo de amor...

E eu sentia em minha alma o balsamo fragrante
 Da primeira caricia e do primeiro beijo...
 E almejava subir para o Ceo deslumbrante,
 Precedido no Ceo por meu longo cortejo

De tristezas feraes, de soturnos lamentos,
 —Hostias de minha angustia e de minha orphandade,—
 Consagradas a ti no altar de meos tormentos,
 Ao funereo luar da Suprema Saudade.

Sempre que a Noite,—como um celebrante,—
 Desenrolava os merencorios nastros,
 Eu conversava o teo olhar distante,
 A' nivea luz, dulcissima, dos Astros.

E, recordando todo meu passado,
 Rezava á Noite o ritual do Pranto,
 Soturno monge, austero e flagellado,
 Beijando a effigie que adorava tanto.

Sentia ainda o psalmo de teos beijos
 E as meigas litanias do Mysterio
 Que transformava os lubricos desejos
 Em mavioso e candido psalterio.

Que tristeza funesta !...
 Longe de teo olhar, longe de tua bocca !...
 Eu tinha a nostalgia da Floresta
 Quando regouga; desgrenhada e louca.

Os espectros de minha adolescencia,
 Na procissão phantastica dos mortos,
 Passavam na aza da Reminiscencia
 Buscando o Azul dos ultimos confortos,

Para onde seguem nossas esperanças,
 Desabrochadas ao luar das Fragoas,
 Tinnindo as pontas de funestas lanças,
 Torvelinhadas na lustral das Magoas.

Nos escalvados pincaros sombrios,
 Onde se erguia a minha pobre ermida,
 Eu meditava os longos desvarios
 De nossa extranya e amargurada vida.

Que tristeza funesta !...

Longe de teo olhar, longe de tua bocca !...
 Eu tinha a nostalgia da Floresta
 Quando soluça, desgrehnada e louca.

Quando cerraste a palpebra formosa,
 No supremo estertor do desalento,
 Eu te osculei a effigie vaporosa,
 Monja das Magoas e do Soffrimento ;
 Eu te ergui nos meos braços de coveiro,
 Volvi comtigo á lurida caverna,
 Psalmodiando o meu amor primeiro,
 Galvanizado por saudade eterna.

Peregrinei as selvas primitivas
 Onde sorria outrora o nosso anhelo,
 Falei ás esperanças redivivas
 Na celagem de funebre desvelo ;
 Interroguei as furnas e os rochedos,
 Beijei o lago que te retratava...
 —Recolhera o Luar nossos segredos !...
 Apenas a Floresta farfalhava.

Nem sequer os vestigios de teos passos
 Assinalava a relva dos caminhos,
 Pendiam musgos, humidos e lassos,
 Onde nossa amizade erguera os ninhos ;

O velario da Nevoa se extendia
Como um discreto crepe de noivado,
E a surdina das lagrimas gemia
Um longinquo *Nocturno* desolado.

Nada mais recordava o nosso exilio,
Feito de preces e de beijos castos ;
A Sorte estrangulara o meigo idyllio
Nas curvas negras de pomposos fastos...
Do merencorio e misero levita
Sequer um psalmo resoava mais...
E eu te sentia candida e precita
No vasto azul das Plagas Sideraes.

Cavou-se a cova humilde... Repouzei-te
Na mesma terra que volvemos juntos...
Tinhas no rosto a lividez do leite,
O palor macilento dos defuntos.

Calquei eu mesmo a terra humedecida,
Rezando o triste *requiem* de finados...
Havia, em torno, uma illusao perdida,
Murmurejando canticos sagrados...

Era finda a missão... Chegara ao termo
Da jornada suprema...
Levava á Morte um pobre corpo enfermo
E as fugitivas preces de um poema.

A Morte abrio-me as campas de granito...
Deixei na tumba o corpo inerte e frio,
E vim beijar, ás plantas do Infinito,
A fimbria azul de um thalamo vazio.

Hoje, um cortejo de felicidade
Nos acompanha as sombras vaporosas,
E os merencorios goivos da Saudade
Semelham nardos e semelham rosas.

Hoje, nos vamos venturosamente
 Tangendo lyras e thiorbas mansas,
 Cantando psalmos ao Luar silente,
 Na aza ideal das fulvas esperanças.

Minha Irman, minha Irman, quanta alegria
 Canta em minha alma e na tua alma canta ;
 Eu comprehendo a excelsa liturgia
 Que o Ceo destilla em teo olhar de sancta.

Bemdicto seja o thalamo celeste
 E as symphonias todas do Sorrizo !...
 —Que importa a litania do Cypreste,
 Quando se sobe para o Paraizo ?

7—Septembro—1895.

Duo final

A desventura emmudecera o canto...
 Só a lyra chorava no meu peito.
 LYCIO DE CARVALHO—*Peregrinas.*

A Terra é sempre um degredo
 Para as almas dos Poetas...
 O Ceo conserva o segredo
 De suas penas secretas.

Aguarda o julgamento derradeiro,
 Alma voltada para a Desventura,
 E o lyrio branco do perdão primeiro
 Florescerá na tua sepultura.

Que importa o babareo e a chufa dos pequenos,
 Quando o Espírito sobe ás Regiões Supernas ?
 —Quebra a taça cruel de teos subtils venenos,
 Reza no sitial das affeições eternas !...

Eu sinto que uma estranha melodia
 Leva-me ao Ceo no ergastulo do Sonho...
 Por que se esvae toda a melancholia
 De meu viver miserrimo e tristonho ?

A que mundos me levas meigamente,
Alma bemdicta e regeneradora?
Ah! que eu não possa, archanjo complacente,
Beijar-te as mãos, celeste protectora !

—Amigo, eu comprehendo os teos tormentos...
Não te desoles, flagellado amigo !
Guarda o sacrario dos fataes lamentos...
Em toda parte viverei comtigo.

—Quem és, Sombra do Ceo mysteriosa ?...
Deixa que eu veja o teo formoso rosto !...
Deixa que eu beije a tua mão bondosa,
Alma divina do luar de Agosto !...

—Olha-me !...

—Amigo !

—Não reveles nunca
Quem te acompanha os passos de precito.
De rosa e lyrios a alameda junca...
Volve, Romeiro, ao caule do Infinito.

—

Em tanto a Noite, piedosamente,
Ia a corolla, placida, fechando ;
E a vermelha papoula do Nascente
O luminoso caule descerrando.

Coritiba, 7 de Septembro de 1895.

DARIO VELLOZO.

FIM DA ALMA PENITENTE.

A EVOLUÇÃO

Das Artes nos tempos Modernos

Trechos de uma obra sobre a philosophia da Historia da Arte, por Carvalho de Mendonça

(Continuação da pag. 100)

Na Hespanha a poesia não tardou a se expandir na idealização da vida pessoal e domestica, que a resistencia catholica havia felizmente subtrahido á anarchia.

A primeira face da existencia privada foi descripta no D. Quichote de la Mancha, em que Cervantes tornou-se expontaneamente o precursor esthetico de Broussais, traçando antes d'este a theoria positiva da loucura.

A vida domestica foi nas obras primas de Calderon de la Barca (1) idealizada como a condição primaria da verdadeira felicidade.

Na Inglaterra o genio incomparavel de Shakspeare (2) exerceu-se especialmente na idealização da intima combinação da existencia publica e privada. Os entraves que elle soffreuo resultaram de sua situação. O protestantismo inhibia seo genio de abraçar o dominio inteiro da edade media e da antiguidade. De sorte que elle teve de recorrer a typos relativamente recentes e, portanto, pouco idealisaveis. Shakspeare deve seo triumpho poeticoo ao desprezo em que lançou a divisão entre

(1) Suas obras primas são: 1.ª *A' secreto agravio secreta venganza*, 2.ª *Alcalde de Salamea*, 3.ª *No siempre lo peor es cierto* 4.ª *Mañanas de Abril y Mayo*, 5.ª *La vida es sueño*, 6.ª *La vina del señor*, 7.ª *La nave del Mercador* (*Theatro Español* de S. Flores).

(2) Suas obras primas são: 1.ª *Romeo and Juliet*, 2.ª *Hamlet*, 3.ª *Othelo*, 4.ª *King Lear*, 5.ª *Macbeth*, 6.ª *Henry VIII*, 7.ª *Coriolanus*, 8.ª *Tempest*, 9.ª *Twelfth Night*, 10.ª *Merchant of Venice*, 11.ª *Winter's Tale*.

drama e epopeia e que permittio-lhe, na apreciação da vida publica, introduzir os tocantes episodios privados, como demonstra sua principal obra prima.

Em compensação Corneille (1), livre de qualquer oposição, desenvolveo em suas tragedias toda idealisação que podia comportar a civilisação romana.

Quando Racine, depois de exercer seo genio na pintura abstracta das paixões humanas que personificava em nomes arbitrios, percebeo o brilhante destino que Corneille dera á tragedia, procurou applicar suas forças no mesmo sentido. Era tarde, porem, porque aquelle já tinha exgottado o que havia de mais idealisavel na civilisação romana. Racine voltou-se então para a antiguidade theocratica que lhe forneceo a principal obra prima e ficou sempre inferior a Corneille, apezar da perfeição e delicadeza propria a seo estylo. (2).

Sem duvida eram sublimes todos os assumptos da vida publica cantados pelos poetas que enumerámos : mas sua mesquinha influencia social demonstrou desde então que só a vida privada devia ocupar a expansão poetica moderna até o advento da Religião da Humanidade.

Milton, por exemplo, tratando de um ponto tão desrido de ideal de uma doutrina já exgottada, si revelou-nos a potencia de seo genio, capaz de encarar sómente o lado organico e constructor em uma epocha de lutas politicas, é ao mesmo tempo um frizante exemplo da esterilidade da situação em ideaes poeticos.

Como, porem, n'esta phase a missão esthetica era não somente auxiliar a decomposição, como auxiliar a recomposição dos novos elementos da ordem social, surgiu o grande Molière, dignamente protegido por Luiz XIV dos odios clericaes e nobiliarios. Vindo depois da idealisação do passado por Corneille, seo theatro inteiro idealisou a vida privada desacreditando os metaphysicos e corrigindo as aberrações das classes ascendentes, principalmente a dos medicos.

Foi essa a missão sublime de Molière á qual se ligão tambem Lafontaine e Boileau.

Finalmente, no *Paradise Lost* o grande Milton deu um aspecto mais estheticó á poesia. Separado da vida publica pelas revoluções de seo tempo, não lhe fornecendo a vida privada um typo digno de imitação, elle poude applicar seo genio incom-

(1) Obras primas de Corneille :—*Cid*, *Horace*, *Cinna*, *Polyeucte*, *Mort de Pompée*, *Rodogune*, *Heraclius*, *Nicomede*, *Pertharite*, *Odipe*, *Sertorius*, *Othon e Pulcherie*.

(2) Obras primas de Racine :—*Athalie*, *Bajazet*, *Iphigenie*, *Phædre*, *Brilianicus*, *Andromaque*, *Plaideurs*.

paravel a um ideal inteiramente exgottado e produzir, entretanto, a unica composição que n'aquelle epocha apresentava o genio organico inteiramente purificado de qualquer alteração critica.

N'esse movimento de renovação esthetica em que tão directamente participaram a Italia, a Hespanha, a França e a Inglaterra, só a Allemanha nada apresentou, em razão de se achar ainda elaborando sua lingoa e agitada pelo protestantismo que a arrastava exclusivamente para o movimento critico.

Quanto á musica esta phase nada produzio e isto se explica desde que se considere que seo verdadeiro cultivo só devia surgir depois do da poesia para dar logar ao drama lyrico.

A pintura começou, sobretudo na Italia, Holanda, França e Hespanha, a progredir na sua parte technica. No ponto de vista da concepção, desde que o catholicismo e a feudalidade deixaram de offerecer situações idealisaveis, a arte começou a degradar-se e mesmo a retrogradar. Porque si a vida privada muito restrictamente podia offerecer idealisações, por outro lado a idealisação da vida publica se reduzia a traçar typos militares e theologicos em uma phase em que a sciencia e a industria as eliminavam.

Todavia todo este movimento esthetic manteve os laços de fraternidade occidental no meio da anarchia por seo caracter de unanimidade e servio por outro lado para sustentar a cultura intellectual.

No ponto de vista pratico, este primeiro periodo da phase systematica do movimento moderno se distingue pela criação dos impostos e desenvolvimento do commercio.

Este, porém, suscitou a escravidão colonial que a degradação do catholicismo não pôde conter. Os emprezarios tenderam a se separar dos trabalhadores e a se aggregarem á aristocracia degenerada.

Desde que o protestantismo combinou-se com o governo tornou-se tambem impotente para guiar o progresso.

Foi por isso necessário que a destruição tomasse uma face nova, sendo n'isso impulsionada pelo publico que soffria a opressão da liga retrogada, organisada no seculo XVII.

Os trabalhos de Bacon, Descartes e Galileo, augmentando os conhecimentos positivos, iam revelando a incompatibilidade das concepções theologicas com as scientificas.

A origem do movimento philosophico do seculo XVII prende-se directamente á reforma. Seos principaes orgãos, como

os desta, pertenciam á escola metaphysica, que se tornou preponderante nas universidades sob a impulsão da mais ousada scholastica.

Seos principaes iniciadores forão Hobbes, Spinoza e Boyle, que consagraram o egoismo na moral e a dictadura em politica.

N'este ponto de desenvolvimento, o centro da accão se transporta para a França, onde a philosophia negativa vae ter seos ulteriores progressos. O facto se explica : Logo que o protestantismo tornou-se officialmente triumphante, os povos da reforma ficaram satisfeitos com sua meia emancipaçao e inauguraram a resistencia, tornando-se, por consequencia, retrogados.

Os povos que ficaram nominalmente catholicos, ao contrario, abraçaram a philosophia negativa como meio de se libertarem do dominio catholico oppressivo.

Entrava-se na phase deista.

Esta ainda subdivide-se em trez periodos que se demarcam pelas escolas de critica philosophica de Voltaire, outra da critica politica de Rousseau. Inconsequentes ambos, destruindo um o throno e outro o altar—elles só prestaram serviços de demolição. Finalmente veio a escola organica do grande Diderot—ligada ao seculo XVII por Fontenelle e ao XVIII por Condorcet—e em torno da qual se agrupam todos os constructores quaesquer.

Os economistas estudando a industria e os legistas o sistema penal pelo orgão dos advogados, ligaram-se tambem á essa escola.

O vicio capital das escolas negativas foi a destruição do ponto de vista historico.

Voltaire maldizia systematicamente a edade media por causa do seo anteclericalismo.

Consistio sua obra em apoderar-se dos resultados conseguidos por Hobbes, Spinoza e Boyle no simples deismo, de modo que, em nome do principio deista, elle atacou o catholicismo. Essa transacção provisoria deo como resultado levar a destruição até ao mais timido crente.

Voltaire falava é intelligencia, enquanto que Rousseau fazia appello ás mais ignobres paixões ; aquelle, pois, foi superior á este. O primeiro se filia ao movimento philosophico e considera o deismo uma concessão provisoria, enquanto que o outro—successor da reforma—toma o deismo por base definitiva de sua estranha theoria social, que implicitamente maldizia tambem o passado.

As duas escolas, pois, uma no espiritual e outra no temporal, proclamavam a perfeição humana como fundada no estado

do não-governo. De modo que, de um lado desenvolviam o orgulho e a vaidade, e de outro, com a theoria que fazia do numero a expressão da verdade, fundamentavam a violencia e a corrupção.

N'esse periodo, entretanto, a philosophia dava os ultimos fructos que ella comportava enquanto separada da sciencia. Hume, Diderot e Kant foram seos ultimos representantes nesse tempo.

A sciencia social, que havia de ser mais tarde o élo para unir as duas grandes creações humanas, se enriquecia com os trabalhos de Vico e de Montesquieu, ao passo que a existencia natural das affeções benevolas era presentida por Vauvenargues. A astronomia tomou definitivamente seo caracter relativo substituindo a concepção do mundo á do universo ; a chimica se fundava com a obra de Lavoisier e a biologia se preparava para receber a systematisação de Bichat.

A industria fez surgir o banco com caracter politico de laço industrial mais geral. De outro lado, a instituição das machinas se aperfeiçoara pelos conhecimentos theoricos.

Os exercitos passaram a ser auxiliares do commercio facilitando sua expansão no sistema colonial.

O scepticismo absoluto a que attingio a systematisação negativa nesta phase devia naturalmente affectar a arte que não podia, n'um regimem de pura demolição, encontrar elementos de idealisaçao.

Já vimos que n'um periodo de decomposição muito menos intensa a arte voltou-se para o mundo classico, afim de alli aurir inspirações. E si alli ella encontrou motivos de sublimes idealisações foi porque a expansão esthetica depende muito mais das tendencias espontaneas do que das impulsões systematicas. Agora, porem, o passado estava profundamente esquecido pelo vulgo e cruelmente atacado pelas doutrinas dominantes.

Demais as artes percebiam as tendencias geraes que levavam a um novo estado social, que então estava indeterminado.

A discussão que se havia suscitado entre Fontenelle e Perrault de um lado, contra Racine e Boileau de outro, a respeito da superioridade dos antigos e dos modernos, desmoralisou a imitação da antiguidade, porque Fontenelle, defendendo os modernos, levou a lei do progresso presentida por Pascal a todos os aspectos do movimento intellectual, examinando toda a superioridade d'aquelles que defendia.

De modo que as artes, emancipadas agora de uma imitação

servil, mas incapazes de fazerem surgir composições novas, ficaram reduzidas aos resultados provindos das impulsões anteriores. Na poesia tudo se resumio em desenvolver as composições introduzidas no periodo anterior idealizando a vida privada e publica sob o influxo pouco sentido e mesmo negado das ideias transmittidas pela edade media.

Surgio então Voltaire (¹) que votou-se a introduzir no seo meio a emancipação, fazendo para isso concorrer seo genio esthetic, sobre tudo por suas composições tragicas.

A mediocridade dos trabalhos poeticos d' essa quadra, porém, não revelavam abaixamento nas faculdades estheticas.

Assim é que a vida privada continuou a fornecer materia para elevadas producções poeticas.

A representação epica dos costumes privados, que Augusto Comte qualifica «o genero mais original e mais extenso das creações litterarias proprias á sociedade moderna», veio demonstrar a energia d' essas faculdades nas duas grandes producções congeneres o *Tom Jones* de Fielding e o *Gil Blas* de Lesage. O drama é que ficou esteril.

A muzica começou a desenvolver suas tendencias, a se unir com a poesia para a formação do drama lyrico, inteiramente livre da influencia theologica para cantar as mais puras e elevadas affeções humanas. A Allemanha e a Italia foram o theatro d' esse desenvolvimento.

A generalisação do theatro constituiu desde então o symptom de uma proxima regeneração esthetic, posto que favorecesse a elevação das mediocridades e desde logo determinasse sua função meramente transitoria.

Desde o inicio da decadencia do regimem catholico-feudal, só a poesia e a muzica conseguiram progressos technicos, não raro empregados em concepções dignas. Mas a escultura e a architectura, mais ainda que a pintura, entraram em uma phase de estagnação que nem sequer foi compensada por aperfeiçoamentos especiaes dignos de nota. Isso demonstra quanto as artes especiaes se ligam intimamente ás concepções fixas e determinadas.

A despeito de todo este caracter equivoco, e das tendencias criticas que as dominaram, as artes se emanciparam e se incorporaram ao movimento moderno e se os orgãos assumiram uma especie de posição espiritual que dominava o movimento.

(CONTINUA)

(1) Suas obras primas são : *Brutus*, *Zaire*, *Alzire*, *Merope*, *Semiramis*, *Oreste*, *Rome Sauvée*, *L'Orphelin de la Chine*, *Tancrede*, entre as obras litterarias bem entendido.

O ESTADO DO PARANA'

(De um rapido golpe de vista)

Vou em pallido esboço, à voil d'oiseau, fazer uma ligeira resenha do vasto Estado que, na Republica Brazileira, tem o nome da grande arteria hydrica que vae formar o largo estuario, que, entre as Republicas Platinas, é sorvido n'um interminavel osculo pelo Oceano.

O Estado do Paraná era a provincia mais nova do antigo Imperio, tendo-se desmembrado de S. Paulo, do qual fôra até então simples comarca, em 19 de Dezembro de 1853.

Banhado pelo Oceano Atlantico em seo extremo oriente e pelo caudaloso rio Paraná ao occidente, o Estado Paranaense confronta com S. Paulo, Matto-Grosso, Paraguay, Republica Argentina, Rio Grande do Sul e Santa Catharina.

Terminada a secular questão de limites do Brazil com a Republica Argentina pela annexação definitiva do territorio das Missões ao Brazil e mais particularmente ao Estado do Paraná, ainda tem este Estado uma pendencia de limites com Santa Catharina.

Com quanto os documentos, de origem historica, garantam ao Paraná direitos inconcussos sobre todo esse terreno litigioso, julgo todavia que a decisao mais razoavel hoje, entre Estados irmãos, é pelo *uti posseditis* e pela vontade livre dos habitantes da zona contestada.

O Paraná é um diamante que só ultimamente começou a ser lapidado : pois, com uma tão extensa área, de 300.000 kilometros quadrados de superficie mais ou menos, e a diminuta população de cerca de 30.000 habitantes, a maior parte de suas terras estão despovoadas e incultas, com suas incommensuráveis riquezas pouco aproveitadas.

Cortado quasi a meio pelo tropico do Capricorneo, com uma posição geographica e topographica invejavel, e regado pela

copiosa rede de rios que constitue o seo maravilhoso systema potamographico, possue o Paraná altitudes variadas, desde a maritima ate a de 4.200 metros de elevação, com vastas planicies de campos e mattas, entremeiadas de altas collinas e grossas cadeias de montanhas.

De um solo uberrimo capaz de fazer proliferar os mais variados productos; dotado, conforme a altitude de suas diferentes regiões, de uma admiravel diversidade de climas, desde o ameno do sul da Europa, ate o cálido intertropical, o Estado do Paraná tem em seo territorio abençoado todos os requisitos para attrahir uma densa corrente immigratoria.

Effectivamente o mais poderoso factor de seo impulsamento e progresso tem sido a immigracao europea, que encontra aqui todas as condições de expansão e vitalidade, tornando-se os colonos laboriosos, em poucos annos, abastados e até opulentos.

Com tão variadas condições telluricas e meteórologicas, presta-se o territorio paranaense a uma infinidade de culturas, muitas das quaes já têm sido proveitosamente experimentadas, taes como feijão, milho, centeio, trigo, cevada, linho, mandioca, batatas, beterraba, anil, alfafa, aveia, fumo, etc. etc.

A vinha produz abundantemente (prestando-se ao fabrico de saborosos vinhos), bem como pecegos, maçãs, peras e outros fructos.

O cultivo da amoreira e a creaçao do bicho de seda têm sido ensaiados com surprehendente resultado.

O norte do Estado, o littoral e as serras marginaes dos grandes rios, como o Iguassú, Uruguay, Ivahy, Tibagy, etc. prestam-se admiravelmente ao plantio do café (havendo zonas da preziosa terra roxa), a canna de assucar, o algodão, o arroz, etc.

Não obstante a notavel fecundidade do solo, a agricultura no Estado tem tido pouco incremento e mal produz para o abastecimento local dos generos de primeira necessidade.

Trez grandes riquezas actualmente no Paraná despertam mais particularmente a attenção e merecem especial mensão, por constituirem fontes de exportação e renda mais notaveis — são a herva-matte, as madeiras de pinho e a industria pastoril.

E' principalmente em torno d'esse triangulo que gyra, na actualidade, toda a actividade industrial e commercial do Paraná, sendo especialmente a herva-matte o termometro por onde se afere o gráo de prosperidade publica no Estado.

A herva-matte do commercio é obtida pelo preparo adequado das folhas e dos ramos tenues ou talos da arvore da congonha, *ilex-matte* ou *ilex-paraguayensis*—da familia das Ilicinias. Esta é uma arvore frondosa que nasce espontanea e abundantemente nos planaltos de serra acima, não vegetando nos terrenos baixos e humidos, nem nos nimiamente montanhosos.

Os immensos hervaes do Paraná são inteiramente silvestres, pois ainda não ha necessidade de se plantar esse precioso *ilex*, que germina *larga manu* onde apraz á prodiga natureza.

O uso do matte foi ensinado em principios d'este seculo pelos guaranys aos jesuitas hespanhóes no Paraguay, segundo affirma o sabio botanico Martius, citado pelo illustre Sr. Professor Dr. Caminhoá.

O matte é usado como bebida ordinaria em infusão, habitualmente em cabacinhos ou pequenas cuias de porungo, d'onde é haurido por bombas ordinariamente metallicas ; ou então é servido com assucar, á maneira do chá da India, em chicaras.

E' uma bebida tonica, estimulante e diuretica, considerada pelos physiologistas e hygienistas, á semelhança do café e do alcool, como um alimento respiratorio, dynamophoro, de poupança ou economia.

O matte, que já foi analysado chimicamente pelo Dr. Th. Peckolt, no Rio de Janeiro, tem sido objecto de poucas investigações scientificas, destacando-se os estudos feitos, em commissão do Governo Geral, pelo eximio physiologista Dr. L. Couty, de saudosa memoria.

Pela notavel proporção de cafeina ou theina, ou mais particularmente matteina (substancias isomeras) que encerra, o matte exerce sobre o organismo animal uma accão analoga á do café, da coca do Perù e do chá, sendo d'este ultimo um verdadeiro succedaneo, possuindo todas as suas virtudes, sem partilhar-lhe os inconvenientes.

O matte é uma bebida hygienica e innocua, de real vantagem para os enfermos e convalescentes, não conhecendo eu, até hoje, nenhuma contra-indicação bem averiguada ao seo uso.

A herva-matte em pó finissimo tem sido empregada, com bastante efficacia, contra intertrigo e outros erythemas, e como cicatrisante das ulceras e feridas grangrenosas. Esta ultima applicação foi comprovada pelo meo sabio mestre, o infatigavel bacteriologista brazileiro Dr. Domingos Freire, em suas interessantes pesquisas sobre os pós, em que o matte como hygroscopio occupa o quarto logar na escala dos pós porelle submettidos a estudo.

O matte goza já na America do Sul de papel preponderante na alimentação, mórmente para os habitantes dos pampas, cujo nutrimento é constituido quasi exclusivamente pela carne. Quem viajou alguma vez a cavallo pelos nossos campos do interior ou pelos do Rio Grande do Sul, alimentando-se do appetitoso *churrasco*, sente necessidade imperiosa, de sorver uma cuia do saboroso *chimarrão* e será capaz de desprezar as capitosas bebedas fermentadas que a civilisação europea tem introduzido entre nós.

O uzo do matte, tomado á guiza do chá, começa já a ser ensaiado na Europa, principalmente nos exercitos e nos operarios das fabricas, em substituição ás bebedas alcoolicas e ao chá, entre outros motivos pelo seo modico preço, ao alcance de todas as bolsas.

Pena é não ser elle talvez conhecido das sociedades de temperança, que provavelmente se converteriam em propagandistas da preciosa herva Paranaense e Paraguaya.

O matte no Brazil é um producto quasi exclusivamente paranaense; porquanto a producção em outros Estados, Matto Grosso, Rio Grande do Sul e Santa Catharina, é insignificante confrontada com a do Paraná.

Segundo as estatisticas officiaes, o Paraná exporta annualmente para o Rio de Janeiro, Chile, Republica Argentina e Uruguay, mais de vinte milhões de kilogrammas de herva-matte, representando um capital superior a dez mil contos de réis.

A exportação de madeira no Paraná, como já disse, reduz-se especialmente ao pinho, não obstante possuirmos outras ainda mais preciosas, porem menos abundantes, como a embuia, peroba, cabriuva, jácarandá, sassafraz, etc.

O pinhero, *araucaria brasiliensis*, da familia das coniferas, é o gigante das florestas paranaenses, senão das brazileiras; pois tem se encontrado especimens até de 40 metros de altura e 2 a 3 metros de diametro.

Na exposição universal de Vienna d'Austria foi armado um bello pinheiro paranaense, d'aqui transportado em pequenos tóros, que foram facilmente superpostos.

A madeira do pinho é empregada vantajosamente em construções, na marcenaria, na confecção de barricas, caixões, palitos phosphoricos, etc.

E' de grande duração nas construcções internas ao abrigoda humidade, ou em condições oppostas, isto é, mergulhado completamente n'agoa.

As florestas de pinheiro são inexgottaveis em todo o territorio paranaense, com excepção das zonas baixas da marinha e rarissimas outras, e dos cimos das montanhas.

E' magestoso, e até imponente, ver-se em espessos bosques destacarem-se, aprumando-se, quaes atalaias gigantes, esses colossos vegetaes, cuja edade conta-se por seculos, com suas altaneiras grimpas ameaçando tangenciar as nuvens, e pondo em evidencia a nossa miniatura physica!

A araucaria brasiliiana, como a chamava Lambert, é uma riqueza essencialmente paranaense; porquanto, segundo informações fidedignas, todos os pinheiros reunidos dos outros Estados do sul do Brazil seriam uma fraccão pouco significativa ante o incalculavel numero de araucarias do Paraná.

Os fructos dos pinheiros (pinhões) são muito nutritivos e contem grande quantidade de fecula e substancias azotadas; no hinverno constituem a alimentação quasi exclusiva dos indigenas, de muitos animaes domesticos e selvagens.

A resina ou seiva coagulada do pinheiro em soluções de continuidade do cortex, contem terebinthina, pez, substancias empumaticas e uma gomma identica á gomma arabica.

Do nó do pinho (ponto de implantação dos galhos no caule) que apresenta uma consistencia petrea, muitos utensilios e até botões podem ser manufacturados.

A exportação do pinho em pranchões, taboas, vigas ou em moveis tem augmentado ultimamente, graças á acceitação que vae tendo em diversos mercados, até mesmo para construccões navaes, a preciosa araucaria paranaense.

A industria pastoril no Paraná pouco tem se desenvolvido, por ser em geral ainda rotineira, não obstante a excellente qualidade dos campos, que podem se considerar divididos nas cinco principaes zonas pastoris, que se seguem na ordem de suas dimensões em progressão decrescente :—Campos-Geraes, campos de Palmas, de Guarapuava, de Coritiba a da Lapa.

Faz-se para S. Paulo exportação em grande escala de gado vaccum, em menor proporção de bestas, cavallos e porcos.

A raça cavallar tem tido alguns aperfeiçoamentos, graças á importação de garanhões de *puro sanguineo*, tendo já alguns ca-

vallos paranaenses disputado vantajosamente bons premios nos hippodromos do Rio de Janeiro e S. Paulo.

A criação de gado lanigero tem sido muito descurada, com quanto os nossos magnificos campos prestem-se optimamente para isso.

E' lamentavel que a industria de lacticinios ainda seja muito rudimentar, n'um estado com tantos recursos posteris como este.

A fauna e a flora do Paraná são tambem opulentissimas, jazendo abandonadas e inproveitadas no immenso hervario d'essa natureza prodigiosa inumeras especies botanicas, algumas ocupando logar proeminente na pharmacopéa e na therapeutica, e outras a espera dos estudos e das investigações dos homens da sciencia.

Fontes de agoas mineraes e thermaes existem em profusão, algumas já exploradas e experimentadas, porem em logares ainda pouco accessiveis.

Minas de diamante, ouro, prata, ferro, azougue, marmore, sal-gemma, carvão de pedra, etc. existem, algumas conhecidas, porem rarissimas exploradas.

Entre as esplendidas cataractas formadas por seos numerosos rios, salienta-se no Paraná o assombroso salto das Sete-Quedas ou Guayra, uma das mais monumentaes cataractas do globo, superior á muito conhecida do Niagára.

Entre as infindas curiosidades naturaes, de formação geologica, são conhecidas algumas magnificas grutas, maravilhosamente ataviadas de concreções calcareas de stalactites e stalagmites.

Em face de tanta magnificencia da naturesa, pode se, sem grande esforço, prognosticar o futuro esplendoroso que aguarda este Estado (actualmente ainda quasi em embryão) quando forem explorados e aproveitados os mananciaes perennes de riquezas que jazem incultas, muitas ainda latentes, em seos campos intérminos,—suas florestas gigantescas,—seos rios semi-oceanicos, etc.

Expostas sem exageração, de uma maneira succinta, *per summa capita*, as opulencias com que a cornucopia da natureza aprouve mimosear esta scintillante estrella da constellaçao bra-

zileira, resta-me, nesta despretenciosa descripção que já vae demasiado longa, dizer duas palavras sobre o estado sanitario e as condições economicas da vida n'esta privilegiada terra, já tão lisongeiramente apreciada em um livro do celebre naturalista Saint-Hilaire, que a visitou no primeiro quartel d'este seculo.

Ante a fertilidade assombrosa d'este solo e tantos outros tesouros naturaes, a vida do proletario torna-se facil no Paraná : ninguem pode soffrer os horrores da miseria, salvo accidentes imprevistos ou fortuitos. Se ha necessitados ao lado de tanta prodigalidade da natureza, é, na quasi unanimidade das vezes, por indolencia, incuria ; pois, a par das facilidades naturaes da vida, vegeta com bastante viço a preguiça e a inercia.

Quanto á demographia do Estado, nada posso dizer, devido á deficiencia de estudos e dados estatisticos a respeito.

A salubridade geral do Paraná é a melhor que se pode almejar, pullulando a vida em toda a sua exhuberancia n'uma população robusta e vigorosa, amante do progresso, não havendo no Estado nenhuma molestia endemica.

Em relação ao estado nozologico do Paraná exporei aqui, *per accidens*, auxiliado por algumas informações de distintos collegas, o sumario de minhas observações pessoaes, em dez annos de tirocinio clinico, reservando-me para proximamente apresentar um trabalho mais minucioso, n'uma communicação á Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, de que sou socio correspondente.

No Estado do Paraná as molestias diathesicas e constitucionaes são raras nos naturaes do paiz.

Os doentes tuberculosos e tisicos, vindos de fóra, submettidos a um tratamento hygienico e dietetico adequado, em geral obtem melhoras, e até curas sob a atmosphera embalsamada da terra dos pinheiros.

A morphéa, que era outr'ora um tanto frequente em algumas circumscripções do Estado, tem ultimamente diminuido e tende a desapparecer.

As febres palustres são desconhecidas em muitas localidades do Estado.

Em Coritiba, a pittoresca e florescente capital, estou informado que, só de vinte annos mais ou menos a esta parte, começaram a aparecer as manifestações agudas da malaria.

A cachexia palustre só se observa em individuos vindos do littoral, onde o impaludismo impéra com mais vigor.

A febre amarella tem por vezes sido importada e se manifestado em algumas cidades da marinha; porem no Paraná ainda não conseguiu propagar-se serra a cima, onde o seo microbio morbigeno não tem até hoje gozado de viabilidade.

Os infelizes que chegam a Coritiba com febre amarella morrem infallivelmente, mas não transmittem a terrivel pyrexia.

A febre typhoide e a diphteria fazem algumas apparições annuaes, esporadicamente, sem revistir caracter epidemico, como sóe acontecer em outros paizes.

Na cidade da Lapa, que costumava ser com alguma assiduidade visitada pela febre typhoide, espereva-se este anno o desencadeamento de uma epidemia, em consequencia da hecatombe causada pela malfadada guerra civil; mas, felizmente aprouve á Providencia poupar mais este sacrificio á Lapa, tão victimada, n'essa ingloria lucta, graças ao heroismo de seos habitantes.

A syphilis é muito commum, apresentando rarissimas vezes o seo hediondo cortejo de manifestações terciarias, talvez por ser o seo tratamento muito conhecido, e applicado mesmo por pessoas do povo. (1)

As molestias mais frequentes no Estado, principalmente nas regiões temperadas e frias, são as phlegmasias do apparelho respiratorio e alguns outros, devido naturalmente ás variações bruscas de temperatura.

Muito teria eu ainda a escrever sobre este assumpto; mas vou terminar, porque, contra o meo firme proposito, me extendi demasiadamente n'um trabalho, como este, escripto desprenciosa e apressadamente, no intuito de despertar a attenção d'aquelle que não conhecem as maravilhas do meo querido Paraná.

Coritiba, 12 de Outubro de 1893.

DR. VICTOR DO AMARAL.

(1) Entre parenthesis, diga-se que o povo paranaense tem muita tendencia para confirmar especialmente o segundo epitheto do conhecido anexim hespanhol—de poeta, medico e louco cada um tem um pouco.

PIERROT MODERNE

Au groupe vaillant des batailleurs de l'Art, à DARIO VELLOZO, SILVEIRA NETTO, JULIO PERNETTA et ANTONIO BRAGA, un confrère étranger de langage mais compatriote de cœur dédie ce "Pierrot Moderne", cette fantaisie brodée sur le type légendaire de l'éternel Pierrot, amant de la Lune et de toutes les andeuses neigeuses. A mes compagnons d'Idéal, aux voyageurs, qui, comme moi, parcourent le pays chimérique des Rêves, ce Pierrot modernisé.....

De toute la blancheur légendaire, flottante, clair-de-lunée, qui le drapait comme un rêve neigeux, il ne garde plus qu'un sévère habit blanc, à boutons d'or. La cravate soigneusement nouée sur le haut col bien brillant, la chemise brodée artistiquement, le gilet de même. La culotte en soie noire, les bas en soie noire, le chapeau haute-forme en soie noire, les petits souliers vernis, gants gris-perle, le monocle à l'œil, impertinent, gouilleur. Le voilà, enfin, le Pierrot Moderne, correct de sa personne, parfumé à la peau d'Espagne, soucieux de ses gestes et de ses paroles.

Le visage blanc toujours comme son innocence antique à jamais evanouie. Il porte la moustache, Pierrot Moderne, une moustache ébouriflée, très fine et brune, chatouillant dans les baisers savants les visages, non plus des Colombines naïves et amoureuses, mais des marquises et des duchesses authentiques et spirituelles.

C'est Pierrot mondain, Pierrot transformé, ne se baignant plus dans les cascades d'argent des rayons de lune, auprès des étangs immobiles, vêtus de plantes bizarres et inodores : courant par les prés d'émeraude, semés de marguerites d'ivoire, des bluets en lapis-lazuli, de coquelicots saignants comme des blessures d'amour ; non, ce n'est plus ce vieux Pierrot, soupirant des sérénades caressantes, larmoyantes d'aveux, pleines

de trouble. C'est Pierrot mondain, Pierrot transformé s'épanouissant au sein de la blonde lumière des boudoirs mystérieux, admis au culte raffiné de l'amour aristocratique.

Dans le merveilleux petit salon de la duchesse de Rosy, Pierrot correct, de monocle.

La duchesse déshabillée, en tulle transparente, couleur d'aurore, un chemisette aux plis gracieusement en désordre.

La duchesse: Comment me trouves-tu, Pierrot ? Suis-je à ton goût ?

Pierrot Moderne: Délicieuse, duchesse, une vraie nymphe de mythologie, (rasturant le monocle) en plus cette fossette adorable que vous avez au menton et que, certes, aucune nymphe ne possède. L'avez-vous toujours eue, cette divine fossette ?

La duchesse: Oh ! non, ça été ton premier baiser qui me l'a fait naître à cette place.....

Pierrot Moderne: Comme vous êtes flatteuse, duchesse. Je n'ai pas ce pouvoir.....

La duchesse: Mais oui, que je vous dis. En veux tu voir une autre.....

Et relevant d'un geste charmant et audacieux la chemisette de tulle la duchesse mit le doigt sur un point quelconque de la rondeur ivoirine de son ventre.....

Pierrot y colla un baiser gourmand.

Pierrot Moderne: Cependant je ne vois pas de fossette là ?

La duchesse: Bête ! ce n'est plus ton premier baiser. Le charme est rompu. Il le serait à moins. Nous nous sommes déjà possédés.

Pierrot Moderne (d'un air Don-Juanesque): Il est vrai. Et je voudrais vous priver de toutes les fossettes passées et à venir à ce prix-là.

La duchesse: (feignant la colère) : Méchant !

Pierrot Moderne: Oh ! ne vous fâchez pas, ma belle, cela prouve seulement

On frappe violemment à la porte.

La duchesse: Mon dieu, c'est le duc ! (regardant Pierrot effaré) Cachez-vous ici dans ce bahut, et ne remuez pas surtout, on vous découvrirait.

Pierrot Moderne (avec un soupir): Merci, duchesse.

Madame de Rosy alla ouvrir à son mari.

Le duc (impatienté) : Il me semble que vous m'avez assez fait attendre, Madame.

La duchesse (froissée du ton) : Il me semble, Monsieur, que je ne suis pas votre servante pour me dépêcher à courir à vos ordres. J'étais couchée, du reste, et j'ai eu trop de bonté de vous faire entrer chez moi.

Le duc (radouci) : Pardonne, chérie. C'est que, vois-tu, j'ai reçu une lettre anonyme, qui... enfin, cela ne vaut pas la peine.

La duchesse (ironique) : Vous veniez vous assurez alors.... avec cette violence, c'est très aimable à vous, Monsieur le duc, je vous en suis très reconnaissante, ma foi, du procédé.

Le duc (tendre) : Encore une fois, pardonne, chérie et ne parlons plus de ces vilénies. Mais, sais-tu que c'est très gentil ton boudoir. (Regardant le bahut.) Il n'y a que ce bahut qui détonne, il est trop vieux et sans style.

La duchesse (très calme) : Il est laid, j'en conviens, mais j'y tiens beaucoup.

Le duc (avec curiosité) : Et qu'est-ce que tu gardes là-dedans ?

La duchesse (avec aplomb) : Oh ! de la musique, tout simplement.

Le duc : Eb ! bien, tu mettras ta musique ailleurs, il est vraiment trop laid ce bahut. Je vais le faire transporter au grenier. (Appelant :) Jacques ! Antoine !

La duchesse (très froide) : Fais comme tu voudras.

Pierrot Moderne (dans le bahut, avec ses boutons d'or) : Je suis mort ! parbleu, on va me découvrir Ces valets ... Oh ! Colombine ! I ...

Le duc (conciliant) : Mais... si tu y tiens tant que cela ...

La duchesse (un peu colère) : Il me semble que je te l'ai déjà dit ...

Le duc (aux domestiques qui viennent) : C'est inutile. Vous pouvez vous en aller. Je n'ai plus besoin de vous. (Regardant la duchesse.) Tu as la migraine ? tu es pâle ...

La duchesse : Oui, j'ai un peu de névralgie je vais me coucher.

Le duc (lui baisant la main) : Alors, bonsoir.

La duchesse (tendre) : Bonsoir, cher.

A peine le duc est-il descendu elle court à la porte et la ferme à double tour.

Pierrot Moderne (sortant du bahut avec lenteur) : Ah ! bigre, duchesse, vous m' en faites des bonnes. Alors vous consentiez qu'on emporta le bahut au grénier ? ! ...

La duchesse (riant) : Ne vois-tu pas que c'était le seul moyen de mettre fin à l'entêtement du duc, et comme ça a bien réussi ?

Pierrot Moderne (pas tout à fait d'accord) : Mais, c'est égak ! ...

La duchesse (très caressante) : Allons, viens, bebête... Oh ! les hommes !

Et ce fut une nuit blanche de sommeil mais pleine d'amour, dans le merveilleux petit salon

Mais, en sortant, vers le matin, Pierrot Moderne regrettait ses vieilles sérénades caressantes et simples, ses sérénades à Colombine, avec accompagnement quelquefois de quelques coups de bâton où Crispin s'exerçait les poignets pour le compte de Cassandre, le vieil avare son rival : mais, après tout, on finissait par s'arranger. Souvenirs du bon vieux temps ! pourquoi me poursuivez-vous ? se disait Pierrot moderne. Qu'y faire ?

Le monde marche et avec lui notre irremédiable sort.

Pierrot est mort ! Vive Pierrot Moderne !!

JEAN ITIBERÉ



ISRAFEL

Dans les hauts palais d'ambre et d'ébène du ciel,
Aux parcs de roses d'or, qu'ombrent des violettes,
La plus parfaite des créatures parfaites !
Chante en glissant dans la brise l'ange Israfel.

Des fibres de son cœur sont les cordes d'un luth
Qui rythme les accords des splendeurs éternelles
Quand le battement doux du velours de ses ailes
Baise le cœur en feu des étoiles du Sudt.

Les astres frissonsants laissent leur vaste chœur,
La lune enamourée empourpre son visage
Lorsqu'aux sons lumineux de son léger passage
Se meurt au ciel en pleurs la langueur de son cœur.

Ils disent, les élus des légendes, qu'il doit
La flamme de son être à cette lyre étrange
Dont chaque fibre vibre à son pur essor d'ange
Sans voix et sans toucher musical de nul doigt.

Il chante la beauté du suprême néant
Où va s'évanouir l'illusion de vivre,
La tristesse d'aimer qu'un cher mensonge énivre.
Le passé tout en cendre et l'avenir béant.

Mais ce chant est plus doux que la douce clarté
Des roses d'or dans les palais d'ambre et d'ébène,
Ah ! qu'un mystère ami vers la terre t'amène,
Et le bonheur naîtra sous ton vol velouté !

Israfel ! abolis nos maux et nos rancœurs
 Et fais mourir dans ta flamme mélodieuse
 — Mélancolie exquise et douleur radieuse ! —
 Nos pauvres cœurs, échos plantifs des autres cœurs !

IWAN GILKIN.



PRIMAVERIL

Vêm pelo espaço rindo e delirando,
 Os tons festivos em que o dia esplode ;
 Batendo as azas vem o leve bando
 Que aos trinos para a luz emigra e acode.

Em viva alacridade se sacode
 A primavera amena, polvilhando
 Flôres no campo e risos no pagode
 Em que folgueda o Sol de quando em quando.

Os joelhos curvo em praticas sinceras,
 No templo engrinaldado de glacinda
 Em que tu pisas o ouro das antheras.

E a Terra a festejar-te se atavia
 Com primorosa gala e implora ainda
 As pompas ideaes da Phantasia.

ELYSEO MONTARROYOS.

REVERSO NEGRO

Enche-me a noite opaca a insomnio da tortura,
E a noite neblina uma saudade eterna ;
 No espaço ainda perdura
 A melodia terna
Do primeiro sorriso e da ultima ternura.

Todo o sonho que ri com o amplexo da crença
Inunda-nos de sol, como um oriente aberto ;
 A alma se torna immensa
 E o coração desperto
Não conhece amargor que o torture e que o vença.

Mas que sancta loucura a illuminar o occaso,
Brilhando nos portaes de uma noite infinita ;
 E ao vermos tudo razo,
 O templo e a fé bemdita,
Funde-se em desespero o gelo em que me abrazo.

Ao termos a alma e o sonho em contorsões de morte
Comprehendemos a dor e a agonia do Christo.
 Já tarde ; o frio norte
 Do inferno em que eu existo,
E' a bandeira fatal que nos desfralda a sorte.

Sonho!... sonhei de joelho ante a imagem suprema.
E hoje meo pobre seio é um altar-mór partido ;
 E por mais que a alma gema
 Não basta o meo gemido
Para estancar o pranto e esta saudade extrema.

E se ha restos de sonho, unico sonho amado,
 Se alguma cousa tenho, é um riso macilento
 No labio descorado,
 Servindo de ornamento
 Como n'um catafalco a effigie de um finado,

As revoltas de Job, na furia de Atalanta,
 Vêm enroscar-se em mim como serpes de fogo;
 E, na dor que a quebranta,
 Minha alma põe em jogo
 O anathema do tedio e o seo olhar de sancta.

Que ironia suprema a sorte me sibila:
 Descrever como um blasphemô e alimentar desejos;
 Ter no peito de argila
 A irradiação de beijos
 Que allucina-me a vida e em seos olhos scintilla.

Em tanto, em torno, a terra é vasia e gelada,
 A nevrose do vacuo estende-se-me em torno,
 E é tão longa a jornada
 Sem mais o labio morno
 De uma crença que oscule esta vida exilada...

Sequestrei minha vida á volupia que apouca,
 Envolvendo-a no sonho e no hostiario da reza;
 Morreo-me o sonho, a bocca
 Quedou hirta, indefesa,
 E a vida despertou completamente louca.

Não ha terra nem ceos que abriguem minha prece,
 Porque a terra é um sarcasmo e o ceo é uma utopia;
 E antes que a vida cesse
 Tanto a magoa crucia
 Que a dor viria ungir cem vidas que eu tivesse.

Collaboradores :

Alfredo Munhoz—Dr. Azevedo Macedo—Dr. Carvalho de Mendonça — Dr. Claudino dos Santos—Dr. Costa Carvalho—Custodio Raposo—Dr. Camillo Vanzolini—Chichorro Junior—Domingos Nascimento—Ernesto Luiz de Oliveira—Emiliano Pernetta—Emilio de Menezes—Dr. Francisco Gonçalves Junior—Dr. Franco Grillo—João Itiberê—João Keating—Dr. João Pereira Lagos—Dr. Justiniano de Mello—Leoncio Correia—Luiz D. Cleve—Padre Alberto Gonçalves—Romario Martins—Rocha Pombo—Santa Rita—Serafíao do Nascimento—Dr. Saldanha Sobrinho—Dr. Trajano Joaquim dos Reis—Dr. Vicente Machado—Dr. Victor do Amaral.

Directores :

Dario Vellozo, Silveira Netto, Julio Pernetta e Antonio Braga.

EXPEDIENTE

O Cenaculo acceita com prazer a collaboração dos estudiosos honestos.

Os artigos anonymos não serão publicados.

Os artigos não publicados não serão restituídos.

Toda e qualquer correspondencia deve ser endereçada para a rua **Silva Jardim, n. 108.**

E' agente, n'esta Capital, o Sr. Annibal Requião — **Livraria Economica**—Rua Quinze de Novembro, n. 67

Não ha assignaturas.

Preço do fasciculo : 4\$000